



Henri Caffarel, prophète pour notre temps
Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

CARDEAL ANDRÉ VINGT-TROIS,
ARCEBISPO EMÉRITO DE PARIS

No final deste colóquio, gostaria de vos propor três pontos de reflexão que unem as Equipas de Nossa Senhora, o Padre Caffarel e o matrimónio.

O **primeiro ponto** pode talvez ligar-se ao título que foi dado ao **Padre Caffarel: um profeta**. Trata-se de **apreciar como a sua intuição, o seu investimento e o seu trabalho para a fundação das Equipas de Nossa Senhora puderam ter êxito, antes de mais, porque era algo que respondia a uma necessidade**. Se a ideia do Padre Caffarel teve o sucesso que todos conhecemos, é porque correspondia a uma necessidade real das famílias cristãs. Essa necessidade, tal como a percebo a 70 anos de distância, era saber como entrar no sacramento do matrimónio tão profunda e verdadeiramente quanto possível, não apenas por uma caminhada espiritual pessoal mas também por uma abordagem eclesial. Caminhada espiritual pessoal porque, para muitos cristãos que foram os beneficiários da iniciativa do Padre Caffarel, tratava-se de entrar progressivamente numa compreensão mais ampla da realidade sacramental, não só no que diz respeito ao matrimónio mas também no que diz respeito a todos os sacramentos. **Como passar do reconhecimento de um acto sacramental necessariamente pontual** — o dia em que se celebra o sacramento é um dia: antes não existia, depois existe — como passar dessa experiência pontual à **descoberta do que é o núcleo do sacramento**, isto é, não simplesmente um acontecimento litúrgico mas **uma graça de vida**? Como passar da visão pontual do baptismo a uma visão histórica da graça baptismal através da existência dos baptizados? Como passar do casamento visto na cerimónia, que outrora se associava mais a uma bênção formal do que a um acontecimento espiritual, para entrar numa história da graça sacramental do matrimónio através da história do próprio casal? **Como passar de uma concepção — ou de uma prática se não fosse teologicamente fundamentada — pontual do sacramento a uma prática histórica do sacramento?** Penso que foi essa passagem que foi vivida há quase um século, em particular a partir da encíclica *Casti Connubii* do Papa Pio XI, que constituiu uma oportunidade moderna para retomar o sacramento do matrimónio através do seu conteúdo e não apenas da festa da sua celebração.

O **segundo ponto** para o qual gostaria de chamar a vossa atenção emerge dos testemunhos que ouvimos: não se trata apenas de descobrir a realidade histórica do sacramento e de explorar em casal o significado histórico da graça sacramental, mas de **descobrir que um sacramento é sempre eclesial**, não há nenhum sacramento privado. Mas isto é paradoxal porque, para um certo número de sacramentos, as pessoas que os recebem e os vivem são sempre pessoas individuais! Não se administra o baptismo a um povo excepto em circunstâncias excepcionais! Baptizam-se pessoas. A dificuldade está precisamente em entender que esse acto pelo qual se baptiza uma pessoa não diz respeito apenas à pessoa que é baptizada, mas a toda a Igreja. Da mesma forma, quando se celebra um casamento, celebra-se o casamento de um casal, não se celebra o casamento em geral, celebra-se o casamento daquele casal em particular. Vós sabeis que, na reflexão teológica, se discute sobre se não é simplesmente a troca dos consentimentos entre os cônjuges que constitui o sacramento. A questão é: **como vivemos a dimensão eclesial deste sacramento eminentemente particular?** Este sacramento diz eminentemente respeito a duas pessoas particulares, sendo as



Henri Caffarel, prophète pour notre temps **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

outras simplesmente testemunhas. Como não encerrar o sacramento do matrimónio num álbum privado de acontecimentos particulares que não dizem respeito a mais ninguém senão àqueles que o viveram?

A criação das Equipas de Nossa Senhora correspondeu também a essa tomada de consciência de que a vida conjugal não podia ficar fechada no *tête-à-tête* dos esposos, mas que **estava indissociavelmente ligada à vida da Igreja**, e que **essa vida eclesial é expressa pela experiência da vida em equipa de Nossa Senhora**. O que é um dos elementos mais íntimos da vida de casal torna-se objecto de uma partilha fraterna numa equipa eclesial. O que é o núcleo do sacramento do matrimónio torna-se um bem eclesial através dessa partilha entre casais.

O terceiro ponto é a mudança de ambiente que tem sido mencionada várias vezes: **como é que as sociedades em que vivemos e em que os casais vivem têm concepções diferentes de casamento e de família?** O risco, ao qual nem sempre escapamos, é o de nos deixarmos levar a fazer de nós defensores de um modelo conjugal. **O casamento monogâmico, definitivo, aberto ao acolhimento dos filhos não é um modelo confessional**. Não é porque os cristãos o vivem como um sacramento, não é porque eles exploram a sua riqueza e procuram partilhá-la, que têm um certificado de marca registada que lhes dê o direito de reivindicar por causa da fé o respeito por esse modelo conjugal. Isso expô-los-ia muito legitimamente a ser rejeitados por uma sociedade laica que não tem motivos para aderir a um modelo inspirado pela fé cristã. O facto de os casais cristãos fazerem a incomparável experiência da riqueza do matrimónio através da sua vida eclesial e sacramental é uma riqueza para eles, é uma riqueza para os outros, é uma esperança para todos, mas não é um argumento para afirmar que dispomos de um título de propriedade para este modelo conjugal. Beneficiamos de um certificado de serviço. Somos chamados a testemunhar o valor deste modelo conjugal, mas também somos chamados a expressar como este modelo conjugal corresponde a uma expectativa antropológica, isto é, a condições para que o amor humano encarne numa instituição social que garante o compromisso individual dos cônjuges. Se não conseguirmos encontrar formas de ajudar a entender por que é que o casamento monogâmico, definitivo e edificado com vista à educação dos filhos é um modelo que corresponde às necessidades do ser humano, antes de ser uma necessidade dos cristãos, se não conseguirmos exprimir como estas características do casamento, que reconhecemos como as condições do sacramento, são cognoscíveis, admissíveis e benéficas à luz da razão humana, mesmo quando esta não é iluminada pela fé, então faltamos à nossa missão apostólica. **A nossa experiência da fé cristã faz de nós precursores, profetas ou testemunhas privilegiadas, não para impor a nossa moral a uma sociedade que não a quer mas para revelar as características do sucesso do amor humano a uma sociedade que as oculta**. É uma aposta e um desafio considerável, que há 70 anos provavelmente não era tão perceptível e fácil de expressar como é hoje, porque o conformismo social fazia com que fossem menos visíveis os diferentes modelos de vida conjugal.

Finalmente, se devemos reconhecer, agradecidos, o papel profético do Padre Caffarel na elaboração de uma espiritualidade conjugal no século XX, e se devemos desenvolver e aprofundar o que ele trouxe à vida das famílias cristãs, devemos também seguir o seu exemplo, estando atentos às novas características com que se confrontam os jovens que desejam viver uma vida afectiva real e gratificante, e manifestando a riqueza daquilo que nos revela a experiência das Equipas de Nossa Senhora, riqueza que deve ser posta ao serviço de uma luz e de uma esperança para todos.

Muito obrigado.